

A biblioteca Sainte-Geneviève, em Paris, é muito rica, mas existem outras.

Após os livros, o leitor pode se dedicar às revistas científicas ou semicientíficas. Infelizmente, a excelente revista *Science*, editada por Hermann, não existe mais, porém o leitor poderá consultar sua coleção.

No início do século, havia revistas como a *Revue Scientifique*, mais comumente chamada “a Revista rosa”, na qual alguns cientistas escreviam para todo o mundo e onde encontramos milagres e mistérios em quantidade ilimitada, por assim dizer.

Se o leitor conhece o inglês, pode ler todas as semanas *New Scientist*, *Science* ou *Nature* e todos os meses *Scientific American* e *Analog*.

Esta última revista, realmente notável, contém duas partes claramente separadas, ficção científica e artigos científicos.

Estes artigos científicos são de uma qualidade realmente extraordinária e de visão muito ampla.

Também na literatura inglesa encontramos algumas obras coletivas nas quais os cientistas emitem idéias não demonstradas para alargar seu espírito e o dos leitores. Dois exemplos de livros deste tipo são *The Scientist Speculates*, dirigido por I. J. Good, e *Ahead of Time*, dirigido por Harry Harrisson. Estes livros penetram muito mais no fantástico do que o presente trabalho, mas exigem do leitor um certo nível de conhecimentos. Satisfeita esta condição, ali encontraremos idéias extremamente fascinantes.

O prefácio bem curto deste *Scientist Speculates* merece ser inteiramente reproduzido:

“O objetivo deste trabalho é fazer mais perguntas do que pode responder.”

Se o leitor tiver a sorte de conhecer russo, tem acesso fácil não só às obras de todos os grandes cientis-

tas traduzidas para o russo, como à revista mensal *Priroda* (A Natureza), publicada pela Academia de Ciências da U.R.S.S., que é ao mesmo tempo extremamente rigorosa e extremamente imaginativa.

Não há nada parecido na França, porque a vulgarização científica é, lá, um monopólio político.

Até aqui, fiz referências a revistas destinadas ao grande público.

Aquelas que se destinam aos outros cientistas e publicam algumas descobertas não são menos interessantes. Especialmente os relatórios da Academia de Ciências, onde encontramos muitas coisas sobre as quais refletir e sonhar. Infelizmente, é preciso ler muitos fascículos para encontrar um artigo interessante.

É o caso da maioria das revistas rigorosamente científicas: sua leitura para o amador do mistério (para o qual não são, aliás, especialmente destinadas) é como a pescaria com linha. Seria interessante alguém assinalar sistematicamente nas revistas de ciências pura os artigos estranhos ou curiosos, mas no estado atual da pesquisa científica na França, isto poderia acarretar aborrecimentos seríssimos para os seus autores. Também não darei a referência exata da comunicação, nos relatórios da Academia de Ciências, onde o autor descreve como cria ratos telepatas. . .

Como a matemática é a linguagem das ciências, é preciso conhecê-la para compreender algumas das mais extraordinárias comunicações científicas.

Este é o caso dos trabalhos a respeito de outros universos além do nosso, que os físicos americanos chamam de “universo-sombra”.

Também é o caso dos trabalhos sobre as superfícies que possuem diversos níveis de estrutura, e sobre os mapas que exigem mais de quatro cores.